

Vale a pena terceirizar a implantação de florestas de eucalipto?

Walter Coelho da Rocha Neto¹; Christiano Nascif²

Atualmente temos um total de 7,8 milhões de hectares de florestas plantadas no país, mas somente as áreas de eucalipto são de 6,9 milhões de hectares (IBGE – 2014), 88% do total. O cenário econômico da eucaliptocultura tem sido desfavorável aos produtores rurais. Insumos e mão de obra são os principais responsáveis pelos altos custos de produção. Já o preço da madeira pago ao produtor não tem sido corrigido de acordo com os custos, principalmente no setor siderúrgico, que impulsiona a maior fonte de mercado do eucalipto.

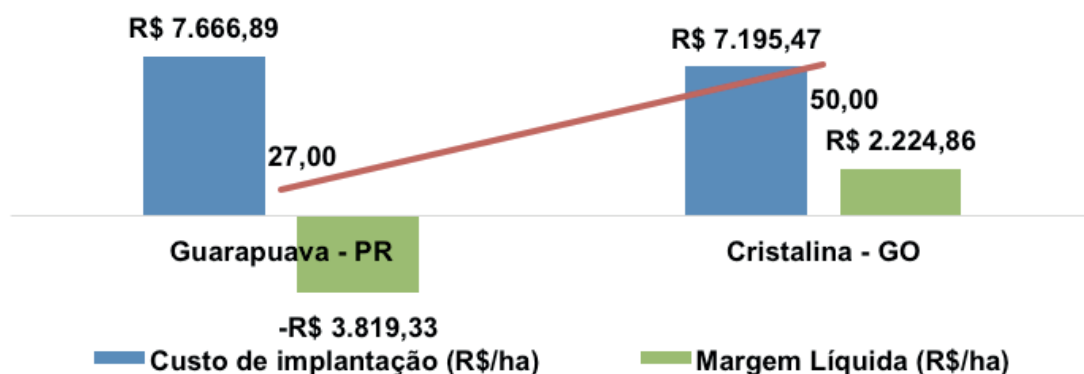
Em função das boas perspectivas para

a eucaliptocultura e a falta de conhecimento técnico da cultura por grande parte dos produtores, surgiram inúmeras empresas prestadoras de serviço na área de reflorestamento. Assim, surgiram dúvidas de silvicultores e produtores rurais interessados pela cultura sobre a viabilidade da terceirização.

O Campo Futuro realizou em 2016 o levantamento de custos em duas regiões com diferentes sistemas de implantação: Cristalina (GO), onde a implantação das florestas é realizada pelos produtores e Guarapuava (PR), onde os produtores fazem a terceirização de todas as operações.

Comparando os custos de todo o período de implantação entre as duas regiões em estudo, percebemos que há diferença de R\$ 471,42, por hectare implantado (Gráfico 1), na região paranaense, onde os produtores terceirizam toda a formação da floresta. Outro fator que deve ser levado em consideração é o nível de tecnologia. Além da terceirização que onera os custos de produção, o manejo adotado na região paranaense avaliada, em termos tecnológicos, é inferior ao dos produtores goianos, proporcionando menor produtividade.

Gráfico 1 – Comparativo de custos de implantação das florestas, incremento médio anual e Margem Bruta por área entre Cristalina (GO) e Guarapuava (PR)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Desta forma, a terceirização das operações do plantio, ao comparar as regiões de Guarapuava e Cristalina, não é viável economicamente.

Os produtores paranaenses possuem maior custo com a implantação da floresta e a tecnologia empregada é inferior, quando comparado com os produtores

goianos, que possuem uma produtividade de quase que o dobro e consequentemente Margem Líquida da atividade positiva em R\$ 2.224,86 por hectare.

A partir de que ano a heveicultura se torna rentável após o plantio?

O alto investimento inicial para se implantar um seringal e produzir borracha natural em escala comercial foi abordado em outras edições deste boletim, a exemplo da análise realizada na edição 13 dos Ativos da Silvicultura de 2016.

Analisando todo o investimento em terra, floresta, benfeitorias e máquinas necessários para se produzir um quilo de borracha natural, na região de Parapuã (SP), Gaúcha do Norte (MT) e Goianésia (GO), concluímos que são necessários R\$ 13,38, R\$ 12,64 e R\$ 6,74 respectivamente, correspondentes ao estoque de capital, quando as florestas já estão em fase de estabilização da produção.

O elevado investimento deve ser bem

planejado pelos produtores e consultores atuantes na área, para que o payback do investimento seja o mais curto possível, proporcionando lucro aos produtores na atividade.

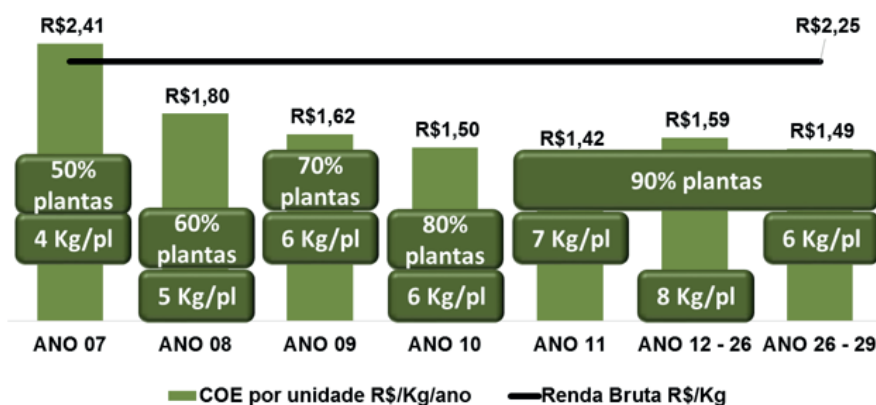
Além de todo o capital inicial para realizar a exploração da produção, os heveicultores devem ter capital de giro para pagar os custos de produção com os tratos culturais da floresta, custos com colheita e demais gastos da atividade. Sabemos que nos primeiros anos de exploração não são todas as plantas que possuem o diâmetro ideal para serem exploradas. Assim, cresce a porcentagem de plantas exploradas e também a produtividade com o passar dos anos de produção. Quanto mais intensificado o manejo dos seringais

com a nutrição, melhor é a uniformização das plantas da floresta e mais rápido é a estabilização da produção.

No Gráfico 2, Gráfico 3 e Gráfico 4, observam-se os custos operacionais efetivos das regiões em estudo em relação à renda bruta unitária, coletada no dia da realização dos painéis.

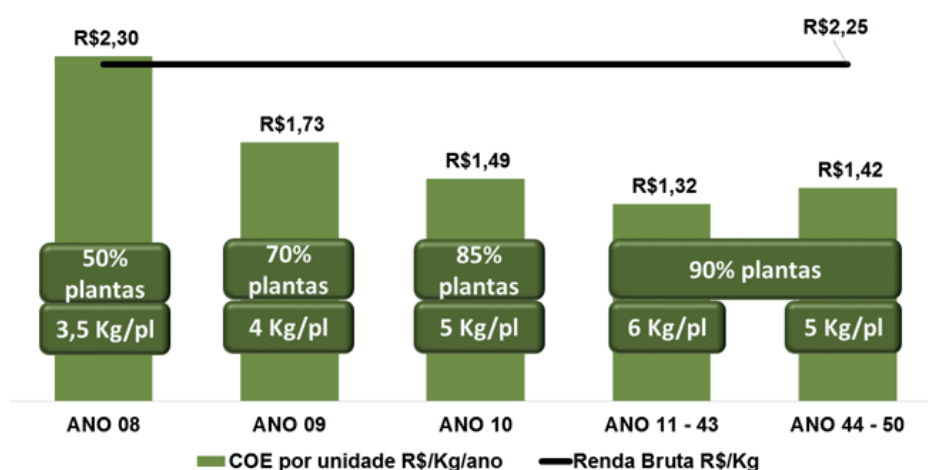
Nota-se que no primeiro ano de sangria - que nas regiões de Gaúcha do Norte e Goianésia ocorre no 7º ano após o plantio -, enquanto em Parapuã acontece no 8º ano após o plantio, o custo operacional efetivo supera a renda bruta. Este cenário persiste em Goianésia no 2º ano de sangria, em função do custo com mão de obra fixa contratada para realizar a sangria.

Gráfico 2 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Gaúcha do Norte (MT)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Gráfico 3 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Parapuã (SP)



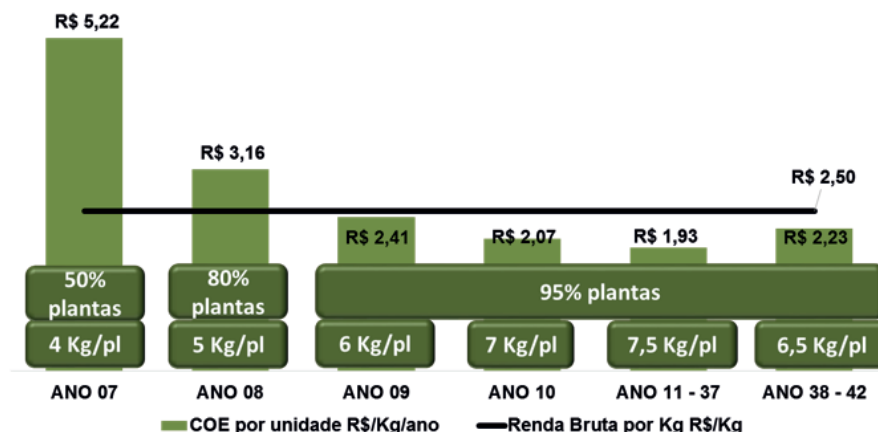
Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

Nota-se que em Goianésia (GO) a porcentagem de árvores em sangria se es-

tabiliza primeiro do que nas demais regiões, indicando alta uniformidade das

florestas em função da irrigação do seringal durante todo o primeiro ano.

Gráfico 4 – COE (R\$/Kg), Renda Bruta por quilo (R\$/Kg), produtividade e percentagem de plantas em exploração ao decorrer dos anos no município de Goianésia (GO)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

A conclusão a que se pode chegar com os gráficos apresentados é que o preço praticado atualmente pelo mercado não é suficiente para cobrir nem mesmo o Custo Operacional Efetivo (COE)

do primeiro ano de sangria em todas as regiões estudadas, estendendo-se ao segundo ano de colheita na região de Goianésia. O fato deve ser levado em consideração pelos heveicultores para

prepararem o seu fluxo de caixa para o início de exploração da cultura, que pode levar até duas safras para obter retorno financeiro.

Diferenças nos custos da heveicultura em sistema de parceria ou trabalhadores contratados em carteira

Pela primeira vez o Projeto Campo Futuro realizou levantamento de custos da heveicultura da propriedade modal na região de Goianésia (GO), onde o sistema

predominante de contratação dos trabalhadores é pela Consolidação as Leis do Trabalho (CLT). Há grande expectativa em se conhecer os custos de sangria pelo re-

gime de CLT, que serão comparados logo em seguida com os custos das outras duas regiões em estudo, Parapuã e Gaúcha do Norte.

Tabela 1 – Custo com colheita por hectare, por quilo e percentagem da renda bruta em Parapuã (SP), Gaúcha do Norte (MT) e Goianésia (GO) no período de estabilização da floresta

Custos com Colheita - Sistema de Parceria				
Região	Produtividade (Kg/planta)	R\$/ha	R\$/kg	% da renda bruta
Parapuã - SP	6,00	2.345,07	0,87	35,0%
Gaúcha do Norte - MT	8,00	4.328,44	1,13	50,0%
Goianésia - GO	7,50	3.385,35	0,86	34,4%

Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

O custo com colheita mais o transporte interno da produção em Goianésia (GO), onde o sistema predominante é a contratação do trabalhador na carteira de trabalho, é de R\$ 3.385,35 por hectare, 44% mais caro quando comparado ao custo de Parapuã (SP), que é de R\$ 2.345,07 por hectare e 21% mais barato que a fazenda modal de Gaúcha do Norte (MT), que é de R\$ 4.328,44 por hectare, conforme Tabela 1. Analisando o custo por

quilo de coágulo produzido, podemos concluir que o custo com colheita mais o transporte é semelhante entre a região de Goianésia (GO) e de Parapuã (SP), onde há um sistema de parceria de 35% da renda bruta. Em relação ao custo por quilo de Gaúcha do Norte, é compensatório o sistema de contrato por carteira de trabalho, uma vez que 50% de toda renda bruta é destinada ao pagamento dos sangradores.

Desta forma, as duas principais regiões produtoras de borracha do país possuem custo com colheita muito semelhante por quilo de coágulo produzido, sendo maior o gasto por hectare da região goiana, indicando melhor remuneração dos trabalhadores. Porém os trabalhadores goianos são mais eficientes na sangria, uma vez que conseguem produzir 25% mais látex por árvore em produção.

Viabilidade da condução de rebrota da eucaliptocultura

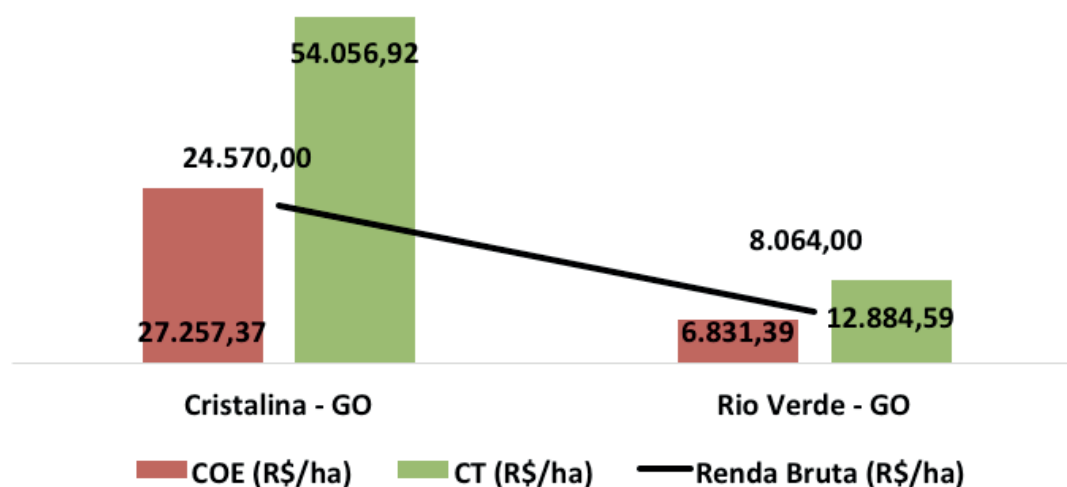
Com os preços atuais, muitos produtores de eucalipto não avançam suas florestas a um segundo ciclo produtivo e passam a utilizar a área onde antes era floresta com outros empreendimentos agropecuários mais rentáveis. Em 2016, o Projeto Campo Futuro realizou levantamentos de custo de produção da eucaliptocultura em quatro diferentes regiões produtoras

do país e somente em duas, Cristalina (GO) e Rio Verde (GO), as propriedades modais passaram para o segundo ciclo.

Logo no primeiro ano após a colheita, o produtor tem que realizar atividades da desbrota, adubação de cobertura e combate a formigas, manejos adotados nas duas regiões. Apesar das atividades

se concentrarem basicamente no primeiro ano após a colheita, a desbrota demanda grande investimento em mão de obra, gastando R\$ 400,00 por hectare na propriedade modal de Cristalina (GO), onde toda a operação é realizada pelos trabalhadores da propriedade. Já a propriedade modal de Rio Verde (GO) gasta na operação R\$ 1.200,00 por hectare.

Gráfico 5 – Renda bruta por hectare, custo operacional efetivo e custo total por hectare do segundo ciclo da região de Cristalina (GO) e Rio Verde (GO)



Fonte: Campo Futuro/CNA; Labor Rural (2016)

No Gráfico 5 conclui-se que há uma grande diferença nos gastos acumulados de uma região para outra, em função dos produtores de Rio Verde não possuírem máquinas e implementos para a condução da floresta e terceirizarem todas as atividades da condução da cultura. Desta forma não possui nenhum custo com manutenção de máquinas e equipamentos, custo este que os produtores de Cristalina possuem, já que realizam todas as operações, em função

da maior área implantada para a cultura. A renda bruta cobre os custos operacionais efetivos nas duas regiões que conduzem o segundo ciclo, mas é inferior aos custos totais de produção, gerando prejuízo econômico de R\$ 29.486,92 e R\$ 4.820,59 em Cristalina e Rio Verde, respectivamente.

Mesmo com o excelente incremento médio anual do segundo ciclo da cultura em Cristalina, de 44 metros cúbicos

por hectare/ano e em Rio Verde de 28 metros cúbicos por hectare/ano, ambas as regiões possuem produtividade 10% menor comparado ao primeiro ciclo da cultura. Os preços praticados atualmente não tornam a condução do segundo ciclo viável e atrativa economicamente, tendo os produtores que fazer avaliação econômica para avançar, pois cada propriedade possui uma particularidade e um custo de produção diferente da outra. 🌱